

PORNOGRAFIAS.COM: AS CONVENÇÕES DO *ALTPORN*¹

Carolina Parreiras

Pós-doutoranda em Antropologia – Universidade São Paulo – USP. carolparreiras@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir a interface entre pornografia e internet, utilizando, para tal, a chamada pornografia alternativa (*altporn*). Ainda que a internet, desde suas origens, tenha sido associada à veiculação de produções pornográficas, o foco aqui são os vídeos e fotografias associados ao chamado *netporn*, configurando-se como um nicho intimamente ligado aos avanços tecnológicos. Algumas perguntas norteiam a reflexão proposta: em que momento e sob que condições podemos falar de pornografia alternativa no Brasil? Quais são suas convenções, estéticas e com que scripts e normatividades opera? A partir de minha experiência etnográfica com a XXP, única produtora do gênero alternativo no Brasil, reflito sobre as convenções que particularizam o gênero *altporn*: os padrões de corpos, com ênfase nas modificações corporais (tatuagens e piercings); a centralidade das mulheres; as cenas e performances, com o privilégio de estéticas fetichistas, BDSM; e os limites entre realidade e representação, com a exibição de gravações em tempo real.

Palavras-chave: pornografia, internet, *altporn*, online, sexualidades

¹ As reflexões realizadas neste artigo são provenientes de minha pesquisa de doutorado (PARREIRAS, 2015), que contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

ABSTRACT

The goal of this article is to discuss the interface between pornography and the internet, using for this the so-called alternative pornography (altporn). Although the internet since its origins has been associated with pornographic productions the focus here is the videos and photographs associated with the so-called netporn, setting which is itself a niche closely linked to technological advances. Some questions guide the proposed reflection: when and under what conditions can we talk about alternative pornography in Brazil? What are conventions, aesthetics and with what scripts and regulations does it operate? From my ethnographic experience with XXP, the only producer of the alternative genre in Brazil, I reflect on the conventions that distinguish the genre altporn: body patterns with emphasis on body modifications (tattoos and piercings); the centrality of women; the scenes and performances with privilege of fetishistic aesthetics, BDSM; and the boundaries between reality and representation, with the display of real-time shootings.

Keywords: pornography, internet, *altporn*, online, sexualities

Apresentação

Em mais de 20 anos de pesquisas que têm como foco a internet e suas múltiplas relações e usos, algo notável é a diversidade de temas debatidos, a partir de diferentes formulações teóricas e metodológicas. As reflexões sobre a chamada cibercultura partem de diferentes campos disciplinares, o que permitiu a criação de um espaço multidisciplinar, com experimentações de metodologias e a utilização de um arsenal teórico variado e não restrito a uma disciplina específica. Chama atenção também o quanto, no esteio das inovações tecnológicas constantes, os problemas endereçados por estes estudos mudam com rapidez, mostrando o caráter ubíquo e fluido do entendimento da tecnologia e das interações e usos que dela fazemos.

No caso específico da Antropologia, como bem pontuam Miller & Horst (2012), ao se pensar em uma antropologia digital e seu método, podemos questionar convenções etnográficas e desenhar novos campos de estudo. Ainda de acordo com estes autores, um dos maiores *insights* da antropologia digital é mostrar como tudo se torna rapidamente “mundano”. Assim, nunca experimentamos a tecnologia *per se*, mas modos de uso desta, que são sempre culturalmente informados. Neste sentido, no encontro entre o digital e o humano, é onde se situa a antropologia digital, cuja função seria compreender, em última instância, aquilo mesmo a que chamamos “ser humano”, pensando-o como algo normativo e cultural.

Hine (2001; 2015) traz considerações que podem ser igualmente úteis, especialmente porque, em suas obras, há reflexões sobre dois momentos muito distintos de desenvolvimento tecnológico. Em seu livro seminal, *Virtual Ethnography* (2001), a autora lança o primeiro conjunto de princípios metodológicos para a realização de etnografias no/do virtual. Naquele momento, ainda bastante inicial no desenvolvimento deste campo, sua proposta estava ligada, sobretudo, aos dilemas colocados pela virtualização para a realização de pesquisas etnográficas. Assim, esta seria a oportunidade de “repensar a conformação do objeto etnográfico e reformular as bases para o engajamento etnográfico com o campo²” (HINE, 2001, p. 10).

Em seu livro mais recente, Hine traça como principal objetivo mostrar que os desafios enfrentados pela antropologia para compreender como as tecnologias são “adotadas e adaptadas” em nossas vidas. Isto requer, de acordo com ela, “adaptações criativas” no método etnográfico canônico, que ajudam a pensar a etnografia como uma forma específica de produção de conhecimento. Ainda que muitas iniciativas e experimentações pareçam se distanciar de etnografias mais convencionais, o que as etnografias para a internet³ trazem são novas maneiras de “ser etnográfico”.

² Tradução minha. No original: “[...] rethinking the shaping of the ethnographic object and reformulating the grounds for ethnographic engagement with the field” (HINE, 2001, p. 10).

³ É notável uma inflexão fundamental nos títulos de suas duas obras. Há o abandono da ideia de etnografia virtual (*virtual ethnography*) para pensar em uma etnografia para a internet (*ethnography*).

É dentro desta perspectiva que a pesquisa que deu origem a este texto se situa: realizar etnografias na/da/sobre/por meio da internet fornece subsídios para repensar o próprio método etnográfico. Além disso, como foi o caso da etnografia que deu base a este artigo, requer altas doses de experimentação, bem como o deslocamento de concepções que tomamos como óbvias (por exemplo, o próprio significado de palavras como on-line e off-line).

Entre 2010 e 2013, realizei uma extensa pesquisa de campo etnográfica, cujo foco foram representações pornográficas on-line, especificamente, aquilo que se denomina de pornografia alternativa ou *altporn*. Obviamente, seria impossível uma etnografia que abarcasse algo tão amplo quanto a ideia de pornografia on-line ou digital, até porque, desde os primórdios⁴ da web, a troca de conteúdos eróticos/pornográficos é prática recorrente. Somma-se a isso o fato de que, como afirma Bilton (2010), a “indústria pornográfica”⁵ sempre ter sido pioneira na experimentação de novas tecnologias: VHS, DVDs, telefones, internet. De acordo com ele, a pornografia foi e é um *test-drive* para as novas mídias.

No caso da internet, esta situação fica clara com o aproveitamento das realidades dali decorrentes: novas configurações de comunidades e redes sociais; proliferação dos dispositivos de conexão; abertura da internet, com a democratização do acesso aos códigos de programação; e a reconfiguração da díade consumidor – produtor. Além disso, o pornô foi o responsável por inaugurar a cobrança de assinaturas para acesso a conteúdos on-line e também por ativar o sistema de pagamentos por cartão de crédito. Segue-se a isso a geração de nichos de mercado cada vez mais específicos e com o

for internet). Isto é um reflexo das rápidas mudanças tecnológicas ocorridas entre o começo dos anos 2000 e o atual estado da internet. A autora explica a preferência por falar em etnografia para internet, e não em da/através da (*off/through*) internet: a internet não é uma entidade completa que pode ser apreendida em sua totalidade. Além disso, a autora toma a etnografia como um modo de olhar para a realidade que pode ser adaptado aos diferentes contextos.

⁴ Para uma análise das primeiras trocas de *sexpics* on-line, ainda por meio do IRC (Internet Relay Chat), ver Slater (1993).

⁵ Ainda que seja um termo contestado, ele aparece aqui por se tratar do vocabulário utilizado pelo autor, como forma de agrupar em uma mesma nomenclatura os diferentes nichos do mercado pornográfico.

potencial de criarem experiências mais personalizadas, a partir dos gostos dos consumidores.

É nesse esteio, e por meio das realidades propiciadas pelo on-line, que surgem empreendimentos como a XXP⁶, única produtora brasileira de *altporn*. Durante o período de pesquisa de campo, acompanhei todo o processo de produção, assim como as diversas circulações de pessoas ligadas à pornografia e ao mercado erótico mais amplo, tanto em suas conexões digitais quanto em suas andanças pela cidade de São Paulo. Neste processo, meu objetivo central foi compreender o que singulariza a pornografia alternativa, tanto no que se refere às questões de gênero e sexualidade quanto em relação com os desenvolvimentos tecnológicos e ao espaço urbano.

Comecei e finalizei minha tese com a seguinte afirmação: a palavra-chave desta etnografia é conexão. Isso porque é por meio desta ideia que foi possível entender as relações estabelecidas entre tecnologias, pessoas, corpos, lugares, a cidade, atos sexuais e sexualidades e chegar ao entendimento daquilo que caracteriza o *altporn* e o diferencia de outros gêneros de produções.

Neste artigo, endereço algumas questões⁷ que, a meu ver, nos ajudam a pensar os muitos usos e práticas possíveis a partir/da/na internet, além de fornecer indícios que nos permitem avançar no entendimento da interface entre tecnologias e sexualidades: o que faz do *altporn* alternativo? Com que convenções, scripts, estéticas e normatividades opera? De que modos tecnologias e sexualidades se intersectam e o que isto pode nos dizer sobre os “limites da sexualidade⁸”?

⁶ O nome da produtora foi modificado, a fim de tentar proteger o anonimato das pessoas por detrás do site e das câmeras. No entanto, tenho consciência de que ela pode ser facilmente encontrada on-line.

⁷ Este artigo tem como base os capítulos 2 e 3 de minha tese de doutorado (PARREIRAS, 2015).

⁸ A ideia de “limites da sexualidade” aparece em Gregori (2016) e é extremamente útil para pensar os tensionamentos e contenciosos em torno das muitas construções e constituições relativas à sexualidade. Como afirma a autora, *limites da sexualidade* refere-se à *zona fronteira onde habitam norma e transgressão, consentimento e abuso, prazer e dor. Tais limites indicam um processo social bastante complexo relativo à ampliação ou à restrição de normas sexuais* (GREGORI, 2016, p. 22).

Para responder a estas perguntas, reflito sobre as convenções que particularizam o gênero *altporn*: os padrões de corpos, com ênfase nas modificações corporais (tatuagens e piercings); a centralidade das mulheres; as cenas e performances, com o privilégio de estéticas fetichistas, BDSM e o uso de *sex toys*; e os limites entre realidade e representação, com a exibição de gravações em tempo real.

Pornografia alternativa e suas convenções

Antes de passar propriamente às convenções que tipificam a pornografia alternativa, creio ser necessário dar alguns passos atrás e me deter em uma diferenciação que foi conceitualmente imprescindível para minha pesquisa.

Como mostrei na Apresentação, a pornografia sempre guardou relações muito próximas com o desenvolvimento tecnológico, sendo, em muitos casos, pioneira no uso destas tecnologias. O mesmo ocorreu com a internet. Ainda que faltem levantamentos confiáveis sobre o consumo de pornografia on-line, uma busca simples em ferramentas para este fim nos conduzirá a uma infinidade de sites e aplicativos com conteúdo erótico/pornográfico⁹. Deste modo, é possível falar em duas possibilidades: o *porn-on-the-net* e o *netporn*.

Essa divisão aparece em diferentes autores (JACOBS, 2007; PAASONEN, 2010/2011) e estabelece diferenciações em dois âmbitos: nos modos como a tecnologia é mobilizada e nas expressões da sexualidade. De modo geral, o *porn-on-the-net* é associado às produções da pornografia *mainstream*, sendo que o on-line funciona como um mero repositório de vídeos e fotografias. Além disso, as cenas apresentadas seguem o *script* básico dos fil-

⁹ Parto de uma perspectiva que separa estritamente pornografia e erotismo. Os dois termos estão envolvidos em uma série de contenciosos que remontam aos debates estabelecidos, desde os anos 1970, especialmente pelo movimento feminista (as chamadas *sex wars*). Assim, por mais que o senso comum e o mercado estabeleçam fronteiras entre erótico e pornográfico, adoto os dois termos como contextuais e contingentes. Para mais referências nesta discussão ver Kendrick (1996), Williams (1999), Hunt (1999) e Gregori (2008, 2016).

mes pornográficos: corpos padronizados, *money shot*¹⁰, centralidade do corpo feminino (mas sem possibilidade de escolha das mulheres em relação ao que irão ou não fazer), três posições sexuais coreografadas (sexo oral, penetração vaginal e penetração anal) e com pouco espaço para experimentações.

Já o *netporn* representa um rompimento com grande parte das categorias do pornô *mainstream*. Normalmente é representado pelos seguintes gêneros: pornografia alternativa, pornografia amadora e pornografia feminista. Suas principais características são: a possibilidade de exibir diferentes corpos; espaço para experimentações sexuais, com diferentes prazeres e fantasias (o maior exemplo é o BDSM); a tentativa de politizar os debates, especialmente em relação ao corpo feminino e ao lugar das mulheres no pornô; estética fetichista e *queer* e o uso constante das tecnologias para produção e exibição de suas representações.

Feita esta breve diferenciação, passo à discussão dos pontos elencados na Apresentação, buscando mostrar que lógicas conformam a produção, a veiculação, as relações e as conexões da pornografia alternativa.

A XXP

A XXP tem suas origens no ano de 1998, quando três amigos – Rufus, Barba e Tote – que possuíam uma banda de punk rock resolveram pegar uma câmera emprestada e fazer um vídeo pornográfico com réplicas de bonecas Barbie. Este vídeo – intitulado “Plastic Lesbians” – foi selecionado para o Festival MixBrasil¹¹ e apresentado no Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS). O nome real da produtora é derivado desse primeiro vídeo e, a partir dele, a música foi abandonada para dar lugar à pornografia.

¹⁰ Ejaculação para a câmera, em *close-up*.

¹¹ O Festival MixBrasil é um festival de cinema que ocorre anualmente desde 1993. Possui como temática norteadora a discussão da diversidade sexual. A partir do festival, foi criado o portal MixBrasil, maior agregador de notícias e discussões LGBT do país. É curioso notar que um dos mais importantes acontecimentos desta pesquisa – o PopPorn Festival – teve suas origens, em parte, inspiradas pelo Festival MixBrasil. Suzy Capó (único nome mantido sem modificação), a criadora do PopPorn, é uma das fundadoras do MixBrasil.

Rufus conta que o início¹² era bastante amador, havendo uma mistura entre a música e a produção de vídeos. Como nenhum deles tinha qualquer ligação com filmagens e fotografias, tudo era feito no improviso. A internet entra no processo de produção logo a seguir, sendo que foi através dela que eles chegaram à primeira atriz – um nome bastante conhecido no mercado pornográfico brasileiro na década de 1980 e precursora dos sites de câmera – que aceitou participar de seus vídeos. Esse primeiro filme foi feito sem orçamento, a atriz não recebeu cachê e o enredo girava em torno de situações propiciadas pela internet: encontros on-line, uso de webcam para masturbação, sendo que o ápice do vídeo é quando ela se masturba com um *joystick* de Atari.

Nos anos 2000, a produção de vídeos se tornou um negócio. Durante algum tempo, produziram materiais que eram distribuídos em DVD por uma empresa ligada ao *mainstream* e possuíam algum conteúdo em blogs, primeiro na plataforma HPG¹³ e depois no Blig¹⁴. O contrato com essa empresa foi firmado em 2006, após o sucesso do filme *Overdrive*, nomeado pela XXP como a primeira produção oficialmente alternativa do pornô brasileiro.

O improviso dos primeiros vídeos foi, ao longo dos anos, dando lugar a uma maior profissionalização de todo processo de produção. Isso se materializou através da aquisição de equipamentos – câmeras, computadores, celulares, dispositivos de armazenamento – cada vez mais modernos; do aumento do número de profissionais envolvidos nas gravações; no estabelecimento de contratos com grandes canais de TV paga.

No entanto, permaneceu a aura de experimentação que marca a pro-

¹² Nessa mesma época, eles editavam um fanzine – o Judith Blair – que circulou por cerca de 3 anos. Esse nome é utilizado até hoje no avatar da produtora no Facebook e também para dar nome à personagem, uma cafetina, criada para assinar os textos. Os primeiros vídeos – ainda em VHS – eram distribuídos com o fanzine e enviados aos compradores pelo correio. O fanzine é um dos vários pontos de contato da XXP com a cena alternativa mais ampla – que chamei na tese de *redes do alternativo* – da cidade de São Paulo.

¹³ Plataforma bastante popular no início dos anos 2000 que permitia hospedar conteúdo gratuitamente.

¹⁴ Plataforma para blogs desenvolvida pelo IG, um dos grandes provedores de internet do país durante vários anos.

dutora desde seu início. Há um constante questionamento de definições e posições fixas, bem como “experimentos”, tanto com os corpos, as posições, os cenários, os ângulos de filmagem, os cortes e edições, quanto com a tecnologia em si. Não é aleatório, por exemplo, que em diversos momentos as cenas fossem registradas não apenas nas poderosas câmeras profissionais, mas também nos iPhones ou quaisquer outros dispositivos que estivessem à mão.

A internet não é apenas a maior aliada para a produção de vídeos, imagens e a consequente construção de um nicho específico de pornografia. Ela também é utilizada como modo de agregar pessoas, estabelecer relações, compartilhar fatos cotidianos, realizar publicidade de produtos.

XXP.com.br

Para entender os muitos significados que alternativo adquire para a XXP, um dos primeiros materiais a se considerar é o site da produtora. Isso porque ele é um elemento central para os objetivos pretendidos: comercializar as produções, permitir o encontro de pessoas que apreciam a mesma estética e ser a parte mais visível do gênero pornográfico alternativo. Sem dúvida, ele é o veículo que faz com que a XXP se mantenha, sendo por meio dele que parte considerável das transações financeiras se dá¹⁵.

Quando iniciei a pesquisa, o site era bastante rudimentar. Tratava-se de uma página de cores neutras e com poucas informações: fotos, vídeos, divulgação de bandas, página para as XGirls. Não existia o sistema de assinaturas, sendo que, para ter acesso aos vídeos, a pessoa deveria comprar cada cena separadamente. A parte mais chamativa era a foto que abria o site: uma atriz loura, bastante branca e tatuada, em pose erótica com um polvo. Pouco tempo depois, este site foi substituído por outro, muito mais interativo e profissional. A primeira mudança considerável foi a transformação das formas de pagamento e acesso: uma assinatura – mensal, trimestral ou anual – pas-

¹⁵ O site continua sendo essencial, mas, desde 2012, parte do conteúdo é vendido para canais de TV a cabo. Além disso, há um programa semanal, apresentado por uma icônica atriz do cinema da Boca do Lixo, no canal pago Canal Brasil. Esta é hoje a principal fonte de receitas da produtora e o que permite o aumento no número de assinantes do site.

sou a ser cobrada. Os assinantes passaram a ter a possibilidade de navegar por todas as áreas do site e de criar perfis para interagir com outros usuários, com os produtores e com as atrizes.

A primeira parte do site é composta pela “Home”. Nesta página, é possível encontrar os menus que guiam a navegação pelo conteúdo. O acesso a esta tela é gratuito e há uma tentativa de expor o material contido no site. Além do menu, localizado na parte superior, a maior parte da página traz fotos e vídeos. Ao clicar em qualquer um deles, a pessoa é redirecionada para as cenas e imagens completas, mas isso só é possível para os assinantes.

A apresentação dos vídeos e sets fotográficos segue um padrão: pequenas fotos do conteúdo (atrizes ou cenas); uma foto um pouco maior que mostre melhor o que está sendo oferecido; o nome do vídeo ou do conjunto de imagens; e uma pequena descrição do conteúdo, seguida por um “conheça mais” e pequenos ícones de compartilhamento no Twitter e em outras mídias sociais.

Na lateral direita da tela, há o anúncio de bandas, trechos de entrevistas com pessoas ligadas ao mercado erótico ou à cena alternativa, os títulos das últimas postagens no blog, os podcasts, os novos membros da comunidade XXP (com suas fotos de apresentação), grupos de discussão criados pelos usuários, as últimas postagens no Twitter e as *tags*. Por fim, existe um link para a página da XXP no Facebook. Outra parte do site é intitulada “Conheça Mais”. Nesse item, é possível encontrar a descrição da XXP (já citada) e das seções do site. O texto faz uma breve retrospectiva da produtora e indica algumas mudanças, sendo que o novo site é a “segunda grande mudança na história da XXP”. Foi acrescentada uma pequena explicação a respeito da mudança da logomarca. Acompanha a parte textual, a foto de uma Xgirl (a mesma atriz que abria o site antigo) chupando – e se lambuzando – uma manga.

Por fim, as partes restantes do site são a divulgação de bandas e parcerias e a estruturação de uma rede social própria. Essas duas iniciativas estão de acordo com os objetivos, já declarados na descrição da produtora: subjaz a todo o trabalho, a crença em diálogos, trocas e parcerias. Estas podem vir de

diferentes locais ou pessoas, desde que estejam concatenadas com os princípios que norteiam a XXP. Deste modo, o site é um local aberto à divulgação de bandas, espaços ou projetos que se proponham alternativos.

O restante do site é dedicado, basicamente, àquele que representa o grande foco da produtora: apresentar um estilo de pornografia, por meio de vídeos e imagens. Assim, tudo é organizado para deixar em evidência as produções e as atrizes. Há uma página exclusivamente dedicada às XGirls, onde é possível encontrar, além de fotos e vídeos, breves descrições. Apesar da grande maioria dos vídeos trazerem apenas mulheres, em alguns deles é possível encontrar atores. No entanto, eles não possuem uma área específica e permanecem como anônimos. Como ficará mais claro nos próximos itens, essa é uma característica que singulariza a pornografia alternativa nos moldes utilizados pela XXP.

Facilita a organização do material, o uso de categorias de classificação, representadas por palavras ou expressões relacionadas à pornografia. Essas categorias são fundamentais em dois processos: conduzem a navegação do usuário pelo site e também são indexadas pelas ferramentas de busca, permitindo que novos internautas cheguem à produtora. De acordo com Lévi-Strauss (1989), sistemas classificatórios representam modos de organizar a realidade social e de tornar manifestas operações mentais – classificação, hierarquização, homologia, causalidade. Podemos aplicar este mesmo raciocínio às realidades colocadas pela internet: as categorias classificatórias têm a função de organizar este espaço, quase infinito, de dados e lhe conferir diferentes sentidos.

Em termos tecnológicos, o uso de palavras-chave, ou *tags*, como marcadores classificatórios, está de acordo com um dos princípios que regem a estruturação da web: a chamada folksonomia. Folksonomia¹⁶ consiste em

¹⁶ O termo *folksonomy* foi criado pelo arquiteto da informação Thomas Vander Wal. O nome vem da junção dos termos *folk* (povo) e *taxonomy* (taxonomia). Para ele, há dois tipos de processo de classificação: ampla e estreita. A folksonomia ampla é quando uma grande quantidade de usuários usa uma grande quantidade de marcadores para um mesmo conteúdo. Já a estreita ocorre quando marcam um objeto ou informação com um número reduzido de termos. Para uma análise mais detalhada, ver Vander Wal (2005, 2007) e Peter, Isabella

um modo de indexar o conteúdo disponível on-line por meio de marcadores, que são colaborativos e coletivos. Isto significa que, apesar das categorias serem criadas por apenas uma pessoa, as marcações são ressignificadas e se sustentam a partir do uso amplo e da criação de sentido para um maior número de usuários. Deste modo, há uma classificação coletiva de informações, que incide diretamente nas ferramentas de busca e nos modos como se dão as circulações e conexões.

Esse processo de marcação é importante porque permite realizar levantamentos de acesso e uso da web. Por meio de uma palavra-chave, por exemplo, é possível estabelecer um mapeamento de dados e criar métricas para análise dos mesmos. É por este princípio que podemos saber de onde partem os acessos, popularidade, relevância, ou como determinados temas circulam on-line.

No caso de sites onde há oferecimento de produtos e atividades comerciais, é fundamental que seja criado um eficiente sistema de marcação, o qual faz com que os dados ali presentes sejam mais facilmente encontrados. Para a XXP, este é um processo essencial, na medida em que parte considerável dos acessos advém de ferramentas de busca.

Patterson (2004), ao analisar o consumo de pornografia na era digital, traz algumas considerações sobre o ato de classificar e categorizar os materiais encontrados on-line. De acordo com ele, o *cyberporn* funciona por meio da rápida criação e propagação de categorias, as quais permitem ao sujeito consumidor/espectador assimilar e emular uma posição particular em relação aos materiais, além de criar uma “promessa alucinatória de fluidez”. Apesar de certa variabilidade, as principais categorias utilizadas pela XXP são as seguintes:

Altporn – anal – anal play – arte – bdsm – bondage – boquete – cabelo preto – fetiche – fetish – fetisboxxx – foot fetish – fotografia – indulgência – kinky – DIY – lesbianismo – loira – lésbicas – magrinha – morena – nudez – peito grande – nomes de atrizes – peito pequeno – pezinhos – pic – piercing

(2009).

– podolatria – preto e branco – queer fiction – raspadinha – sadomasoquismo – sexo anal – spank – submissa – submissão – tattoo – tatuada – vid – xgirl – xlab – xxp

É interessante notar que estas categorias são bastante diversificadas e utilizam desde termos muito específicos do *altporn* até aqueles reconhecidamente vinculados ao *mainstream*. Estas categorias classificatórias são elementos importantes para entendermos a partir de que convenções a pornografia alternativa opera. Além disso, pensar sobre elas permite avançar no entendimento do conceito de *altporn*, especialmente no que ele possui de específico e transgressor em relação ao pornô mais convencional.

Se formos analisar as *tags* mais utilizadas pela XXP, é notável o uso de categorias associadas à pornografia, de um modo geral: anal, anal play, cabelo preto, boquete, lesbianismo, loira, lésbicas, magrinha, morena, nudez, peito grande, peito pequeno, raspadinha, sexo anal. Todas estas palavras aparecem tanto no *mainstream* quanto no *altporn*, são genéricas e buscam indicar o conteúdo de cada produção: quais os atos sexuais, os tipos de relações, os tipos de corpos. Estas categorias, além de serem descritivas, são também um modo de aumentar o tráfego do site. Ao utilizar termos comuns à pornografia mais convencional, há a chance de direcionar um tipo diferente de usuário até o site, e não apenas aquele já ligado a tendências alternativas.

Outras categorias são bem próprias da pornografia alternativa e estão diretamente relacionadas com convenções por ela utilizadas: *altporn*, *bds*m, *bondage*, *fetice*, *fetish*, *fetishboxxx*, *foot fetish*, *indulgência*, *kinky*, *pezi-nhos*, *piercing*, *podolatria*, *queer fiction*, *sadomasoquismo*, *spank*, *submissa*, *submissão*, *tattoo*, *tatuagem*, *xgirl*, *xlab*, *xxp*. Nota-se aqui o uso de palavras que resumem bastante bem as principais situações encontradas no pornô alternativo. Há o foco nas produções fetichistas, sendo destaques o *BDSM* e a *podolatria*; a ênfase em outros tipos de corpos, com *piercings* e *tatuagens*; e o uso de seções do site (*xgirl*, *xlab* e nomes de atrizes) e do nome da própria produtora. O termo *altporn* aparece em todas as publicações do site, visto que é o agregador e indexador principal.

Assim, as categorias, enquanto termos de descrição, têm a função de guiar o usuário em relação ao tipo de conteúdo encontrado. Elas funcionam como um resumo do que será visto nos vídeos e imagens e ajudam a direcionar o olhar, a partir de determinadas convenções. A escolha de trazê-las aqui se deve à minha crença de que, assim procedendo, é possível entender, com mais profundidade, a lógica de organização do site e a interpretação que os sujeitos de pesquisa possuem de suas práticas. Classificar é um ato lógico e que mobiliza operações de pensamento, não sendo, de modo algum, um processo aleatório. Com isto em mente, passo a explorar aquelas que julgo serem as três principais convenções do *altporn*: os corpos valorizados e em cena; a preferência por cenas fetichistas e ligadas ao BDSM; e o jogo entre real e representação, no qual a pornografia seria um gênero a ser produzido por qualquer um de nós.

As convenções do *altporn*

Linda Williams (1999), em *Hardcore*, faz uso da história, teoria e análise do gênero pornográfico, especialmente por meio de vídeos, para compreender as várias construções da sexualidade e a história das representações de atos e prazeres sexuais ao longo do tempo. Ao se basear em Foucault (2009), ela propõe que a pornografia funciona como um dos muitos discursos de expressão das sexualidades, sendo um gênero que busca confessar as “verdades discursivas do sexo” (2004, p. 8).

Seu objeto de estudo foram os muitos vídeos produzidos, desde os chamados stag movies, até o início do cyberporn/cybersex⁸². Sua principal preocupação é o entendimento do que chama de pornografia hardcore, caracterizada pela exposição explícita de corpos e atos sexuais. Há, nessa história da pornografia, um “princípio da máxima visibilidade” (1989, p. 48): filmagens privilegiam tomadas em *close-up*; seleção de posições sexuais que mostram a quase totalidade dos corpos e dos genitais; criação de convenções genéricas, tais como, a exigência do *money shot* (pênis que ejacula para a câmera).

As colocações de Williams (1989, 1999) têm o mérito de sedimentar o campo de estudo da pornografia, fazendo com que ela seja entendida como

gênero de produção cinematográfica. Como tal, opera a partir de convenções e scripts, os quais são tão variados quanto são os nichos em que o campo pornográfico se reparte. São estas convenções que permitem diferenciar os muitos tipos de produções e, também, entender as várias sexualidades, corpos e prazeres colocados em cena na “coreografia performática e de trabalho” (WILLIAMS, 2004, p. 5).

É com esta premissa em mente que desenvolvo minha argumentação: a XXP tem como objetivo a criação de produtos – os vídeos e imagens – que se baseiam em convenções e trazem uma estética específica. Interessa, portanto, entender quais são elas, o que nos conduz a algumas perguntas: que sexualidades são encenadas? Quais corpos são exibidos e quais estão de fora? Em que medida há um rompimento ou uma reiteração com a pornografia *mainstream*? O que tipifica os vídeos e imagens como alternativos? Existe um questionamento ou um tensionamento dos “limites da sexualidade” (GREGORI, 2016)? Estas convenções criam novas normatividades, ainda que alternativas? Em que medida, a tecnologia é fundamental para o estabelecimento de novas normatividades?

Para responder a estas perguntas, parto de dois eixos: a análise das produções disponibilizadas no site e os relatos de campo, resultantes do acompanhamento dos bastidores do processo de produção¹⁷. A partir de uma “linguagem crítica”, tal como propõe Rubin (1984) em seu ideal de uma “teoria radical do sexo”, utilizo descrições dos corpos, sexualidades, prazeres e atos sexuais, tais como mostrados pela XXP.

¹⁷ É importante, entretanto, uma ressalva: desde o período em que realizei a pesquisa de campo, o perfil da produtora se modificou consideravelmente. Hoje é possível encontrar, no site, vídeos que trazem em si todas as marcas características do *mainstream*. Isso ocorreu após um contrato com um conhecido canal de TV a cabo. Uma das mudanças centrais foi o aumento do número de homens participantes. Em relação aos atos sexuais, as convenções do *mainstream* também se tornaram mais constantes. Isto não quer dizer que a produtora tenha deixado de ser *altporn*, mas que, devido às exigências de mercado – o que nos diz muito sobre o público consumidor de *altporn* e o local que este nicho ocupa – e aos atrativos financeiros daí decorrentes, há uma diversificação nos tipos de produções.

O primeiro ponto para reflexão diz respeito aos corpos encontrados nos vídeos e fotografias. Para os idealizadores da XXP, falar em corpos é pensar em sua plasticidade. Este termo pode conter várias significações. A primeira delas diz respeito ao entendimento dos corpos como matérias, que podem ser construídas e reconstruídas, estando longe de serem acabados ou, simplesmente, naturais. Por outro lado, a plasticidade é também dos movimentos possíveis: os corpos podem ser utilizados para muitas finalidades e, entre elas, para realizar atos sexuais. E estes atos sexuais são bastante variáveis, relacionando-se com os também variados desejos e fantasias.

Talvez aqui possamos divisar a primeira crítica ou tentativa de ruptura com os padrões ditados pela moda, passando pelas políticas de saúde, bem-estar e estética corporal, até a própria pornografia *mainstream*. Em todos estes âmbitos, criaram-se corpos ideais e padronizados. Tudo aquilo que não se enquadra nestas normas são corpos não valorizados e, portanto, não incluídos.

Ao analisar detidamente o arquivo de fotos e vídeos e acompanhar as gravações, é possível perceber algumas recorrências: quase todas as atrizes possuem modificações corporais (*body modification*) – tatuagens e piercings – e não precisam necessariamente ser magras ou se enquadrar nos, já citados, padrões de beleza mais convencionais.

Apesar de mudanças consideráveis, nos últimos anos, quando se fala em *body modification*, ainda persiste uma visão moralista que associa a tatuagem à marginalidade. Utilizo o termo *body modification* como agregador de práticas de modificação corporal, que vão desde as tatuagens até, por exemplo, as escarificações. Henrietta Moore (1999) não concorda com a separação estrita entre *body modification* e *body art*, sendo ambas práticas discursivas que representam “escolhas individuais” e um modo de utilizar o corpo como mecanismo de construção da identidade.

Já Featherstone (1999) propõe uma definição mais inclusiva de *body modification* ao advogar a inclusão de outras práticas, tais como, a inserção de implantes, a ginástica, as cirurgias estéticas, o *bodybuilding*, a anorexia, os regimes alimentares, a colocação de próteses. Esta visão ampliada toma

como modificação corporal tudo aquilo que gera transformações corporais – na forma e na aparência –, sejam elas com o uso de instrumentos de corte e perfuração ou não.

Há, no *altporn* produzido pela XXP, uma erotização das modificações corporais: piercings, tatuagens e escarificações funcionam como elementos que buscam causar excitação sexual e incitar prazeres e fantasias. Ter o corpo coberto por tatuagens e piercings é um fator individualizante dentro de um gênero convencionalmente conhecido por trazer mulheres com corpos esculturais, plásticas e implantes de silicone diversos. Ainda que todas estas possam ser consideradas práticas de modificação corporal, no pornô alternativo saem os silicones e as cirurgias estéticas e entram, no cálculo, tatuagens e piercings. Para as atrizes, trazer marcas no corpo é parte de sua construção enquanto sujeitos e é, também, um processo de individualização de seus corpos, em meio a tantos outros. São estes corpos que permitem sua entrada no mercado erótico alternativo e que as transformam em Xgirls. Não estou sugerindo que, na pornografia *mainstream*, não existam corpos tatuados, mas, sim, que esta não é uma característica que demarca e diferencia este gênero de produções.

Apesar de corpos tatuados não serem uma condição obrigatória definida pela XXP para a participação nos vídeos e fotos, não há sequer uma Xgirl sem uma destas marcas corporais. Nessa mesma lógica, não é aleatório, por exemplo, que haja parcerias com tatuadores e piercers. Em eventos, eles são convidados para tatuar as atrizes, como forma de exibição para o público. Esta foi uma estratégia bastante utilizada nas feiras eróticas, sendo que, ao lado de instrumentos comumente associados à pornografia, era comum posicionar a mesa do tatuador e toda a parafernália que a acompanha. Nesta mesa, além da própria ação de tatuar, cenas pornográficas foram encenadas. Delimitado por paredes de vidro, o estúdio/set pornográfico ficava, então, completamente visível para os transeuntes da feira. Sempre que uma atriz ou performer se deitava na mesa, as pessoas se amontoavam nos vidros para acompanhar a realização da tatuagem ou de uma sessão de fotos/gravação.

O ato de marcar a pele é sensualizado, causando prazer para quem tatura, quem é tatuado e quem assiste. As marcas daí resultantes são, nos vídeos e fotos, investidas de uma conotação sexual que tem a função de provocar deleite no espectador. As tatuagens e os piercings – em grande número e devidamente enfocados nas cenas – garantem ao *altporn* uma de suas características distintivas de outros gêneros.

Em relação aos corpos presentes na pornografia *mainstream*, Williams (1999) ressalta que, na história da pornografia, os corpos femininos sempre foram o foco de maior atenção. Consequentemente, são estes os corpos mais padronizados, a partir de práticas disciplinares. Para entrarem em cena, estes corpos devem obedecer a padrões determinados e mais próximos a estereótipos de beleza convencionais: corpos magros, esculpidos por meio de exercícios físicos e plásticas, com peitos e bundas fartos, portando unhas enormes e sempre pintadas e cabelos grandes esvoaçantes.

Não há espaço para mulheres acima do peso, de cabelo raspado, andróginas, com grande quantidade de tatuagens e piercings, sem silicone ou outra plástica cosmética. Estes corpos, normalmente, só entram em cena, tornando-se possíveis e inteligíveis, nos ramos alternativos de pornografia.

Um ponto importante a ressaltar é que, por mais que exista esta preferência por corpos diversos daqueles encontrados na pornografia *mainstream*, a XXP não descarta a possibilidade de retratá-los em suas produções. Um exemplo é Andressa: ela possui todas as características de uma Xgirl padrão, chamando a atenção pela grande quantidade de tatuagens. No entanto, ao longo do campo, pude acompanhar mudanças consideráveis em seu corpo, que a fazem também estar enquadrada nos corpos valorizados pelo pornô convencional: ela fez implante de silicone nos seios e passou a frequentar academias de ginástica. Não por acaso, Andressa, apesar de ter sido a grande estrela da XXP durante mais de 2 anos, realizava gravações com produtoras *mainstream*.

Mas, o que isto nos diz? Sobretudo, que há uma preocupação declarada de permitir a exibição de diferentes corpos e, neste processo, mostrar seu caráter construído, moldado, inventado e reinventado. Além disso, é prova

de que as fronteiras entre os gêneros pornográficos não são, de forma alguma, estanques. Elas são constantemente negociadas e, de certa forma, se retroalimentam: o padrão de um representa o rompimento do outro e vice-versa. Há, no entanto, a intenção do alternativo de ser um gênero mais democrático, mais subversivo e inquisidor do processo de constituição dos corpos, das sexualidades e dos atos sexuais. Como mostra Hillyer (2004), convenções descrevem atos, e entendê-los, por meio de uma análise das produções, nos permite depreender não apenas os tipos de filmes, mas também a lógica cultural com a qual dialogam. As convenções acabam servindo à criação de produtos pornográficos legítimos e comercialmente viáveis para um determinado público.

O segundo ponto sobre o qual gostaria de me deter diz respeito às cenas e às performances encontradas nas produções da XXP. Em termos gerais, é possível dizer que o pornô alternativo possui coreografias e atos sexuais muito próprios e que o diferenciam de outros nichos. Obviamente, seria impossível percorrer toda a gama de cenas e fotografias disponíveis e, por isto, busquei, a partir da análise dos vídeos e dos bastidores, as recorrências e aquilo que singulariza o alternativo, caracterizando a XXP como uma produtora *altporn*. Selecionei, então, três pontos principais: o uso de referências fetichistas e do BDSM; a prevalência de cenas entre mulheres (solo ou acompanhadas); e a ampla utilização de *sex toys* e outros instrumentos.

Benítez (2009), em seu essencial *Nas Redes do Sexo*, descreve e analisa a produção de pornografia *mainstream* no Brasil. Em um dos capítulos – “Transa” –, ela busca entender o tipo de sexo presente no pornô brasileiro, mostrando como grande parte da base da pornografia se caracteriza pelo espetáculo, pelo “show” e pelo exagero de situações (p. 99), havendo uma especificidade do sexo praticado.

De acordo com ela, o sexo do pornô é ritualizado, com uma sequência de atos sexuais a serem executados e um tempo determinado para cada um deles. Assim, é possível falar em um sexo coreográfico (p. 109), que busca fugir daquilo que se entende como o sexo doméstico, praticado pelas pessoas em geral. Privilegiam-se posições que fogem do chamado “papai e mamãe”

88 e há uma ênfase no ânus. Ponto importante, salientado por Benítez (2009), é que a penetração anal se tornou um ato considerado *mainstream* e faz parte do repertório-chave de (dis)posições sexuais (p. 112).

Quando falamos nas coreografias do *altporn*, é possível encontrar algumas similitudes com os padrões existentes na pornografia *mainstream*. Em primeiro lugar, há um script a ser seguido, com certas posições e ângulos obrigatórios de filmagem e fotografia. Normalmente, este script é decidido pelo diretor e pelos produtores, mas há grande abertura para que as atrizes e os atores opinem e façam sugestões. Não se trata apenas do padrão beijos – sexo oral – penetração vaginal – penetração anal, encontrado no *mainstream*, mas há espaço para experimentações e diferentes posições, fetiches e fantasias. Até mesmo aqueles considerados prazeres extremos, como o auto-fisting anal, encontram seu lugar e fazem parte do rol de experimentos e possibilidades.

Até onde pude perceber, pela análise dos vídeos e fotos e pelo acompanhamento das produções, apenas práticas ligadas à chamada pornografia bizarra¹⁸ – escatologia, pornô com animais – não encontram lugar no alternativo. Filmes gays e com travestis também não existem, mas não são descartados.

No mercado pornográfico, existem nichos específicos e muito variados de produções. Dentre elas, podemos localizar a chamada pornografia fetichista. Ainda que apareça com outros nomes – pornografia sadomasoquista ou *kinky* –, alguns traços são marcantes, em especial, o entendimento de que são retratados prazeres considerados dissidentes ou à margem.

Em grande parte do material produzido pela XXP, podem ser encontrados fetiches, tais como, a podolatria, o *smoking fetish*, sadomasoquismo, *bondage*, dominação/submissão. A presença de certos acessórios e instrumentos deixa bastante clara esta vinculação à pornografia fetichista: chicotes, roupas, cigarros, lingerie, botas, látex, cigarros, salto alto, gags, algemas, cordas.

¹⁸ Benítez (2012) e Leite Jr. (2006) são referências teóricas fundamentais para o entendimento da pornografia bizarra no Brasil.

A seu modo, a XXP tenta fazer o mesmo: coloca em questão os limites dos corpos e atos sexuais ao lançar mão do uso de práticas sexuais marcadas pela dor e pelas marcas corporais daí decorrentes. Como a maior parte das produções traz mulheres como protagonistas, as relações fetichistas se dão entre elas. O enredo é basicamente o mesmo, trazendo relações de dominação/submissão e há um foco particular na adoração por pés. Gregori (2009), ao buscar entender as articulações possíveis entre violência e erotismo, mostra como certas práticas sexuais tensionam aquilo que podemos chamar de “limites da sexualidade”. O BDSM seria uma destas possibilidades, jogando com algumas díades: prazer e perigo, domínio e sujeição, fantasia e realidade. Trazer o referencial fetichista para suas produções significa mais um passo da XXP na tentativa de se diferenciar da pornografia *mainstream* e de marcar um espaço discursivo de subversão e questionamento de limites. A meu ver, isto se soma à centralidade das mulheres, às conformações corporais variadas e à sua relação bastante próxima – e dependente – com as inovações tecnológicas.

Como tentei deixar claro até aqui, a XXP mantém um estreito relacionamento com as tecnologias e delas se utiliza, de muitos modos, para a produção e veiculação dos materiais. Estes usos são um dos pontos que permitem diferenciá-la de outros gêneros pornográficos, visto que utilizar o on-line não se resume simplesmente a fazer deste espaço um depósito de produções. Para além da montagem de um acervo e para o comércio do mesmo, a internet é aproveitada para interação, circulações, conexões, criação de redes e, também, para colocar em questão os limites do que é mostrado e visibilizado na pornografia. Proponho refletir sobre esta relação entre representação pornográfica e tecnologias, a partir de situações vivenciadas em campo: a transmissão em tempo real de cenas pornográficas.

A realização de Twitcams¹⁹ é apenas um exemplo dos muitos modos como a XXP vem tentando aproximar seu público do processo de produção. Em todas as gravações, são postadas fotografias dos bastidores e dos

¹⁹ Com o passar do tempo, passaram a usar para isso o Instagram.

preparativos. Isto permite maior interação entre quem produz e quem consome, além de referendar a pornografia alternativa como um gênero mais democrático e aberto a muitas experimentações. Em alguns momentos, há, inclusive, um flerte com o pornô amador, propagando-se a ideia de que qualquer pessoa com uma câmera é um produtor potencial de pornografia. Não é novidade, para o cinema e nem para a pornografia, apresentar, aos consumidores, os bastidores e preâmbulos das produções. Nos últimos anos, esta tem se tornado uma prática cada vez mais popular. O objetivo principal é mostrar – ainda que de forma editada e selecionada – os bastidores de filmagens e ensaios fotográficos, dotando-os com uma aura de maior realidade.

Manovich (2001), em seu importante livro sobre as linguagens das novas mídias, busca mostrar os muitos caminhos pelos quais o cinema e as mídias computacionais se comunicam. Em um contexto no qual as câmeras estão cada vez mais portáteis e disseminadas, multiplicam-se as possibilidades de mostrar imagens²⁰. Sua principal questão gira em torno do entendimento de como as mídias geradas por computador redefinem a natureza das imagens estáticas ou em movimento, criando novas possibilidades estéticas.

Grande parte de sua argumentação está centrada na tela, esta superfície de inscrição cada vez mais difundida e portátil. Para ele, as telas são o elemento central da interface moderna, permitindo que tenhamos interação com dados culturais criados em tempos e espaços diversos daquele em que nós, espectadores, estamos situados. Assim, estaríamos diante de uma “sociedade da tela” (*society of the screen*) (p. 94), marcada pela existência de telas – dinâmicas e cada vez mais interativas – em todos os lugares.

Além disso, Manovich traz uma competente reflexão sobre a telepresença. O maior exemplo prático desta seriam as *webcams*, dispositivos que permitem a transmissão de imagens, em tempo real, para diferentes espaços

²⁰ Como mostra Manovich (2001), a fascinação com a mobilidade do visível já aparece em *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*, o importante ensaio de Benjamin (ano). Ela é levada a cabo de forma bastante prática nos experimentos cinematográficos de Vertov: o espectador é seduzido, a partir de sua maneira de ver e pensar, e incitado a partilhar de sua excitação ao descobrir uma nova linguagem. Manovich situa Vertov em uma posição intermediária entre o flâneur de Baudelaire e o usuário de computador.

geográficos. Mas o que a telepresença traz de novo em realidades repletas de imagens e telas? Sua principal novidade é permitir que as representações sejam construídas de forma instantânea e com a eliminação da distância espacial. Assim, as novas mídias redefinem nossos conceitos de representação, ilusão e simulação.

Caminham, neste sentido, as proposições de Patterson (2004). Para ele, a principal mudança introduzida pelo *cyberporn* é questionar as posições, até então fixas, entre espectador e objeto. Neste caso, as *webcams* são o principal exemplo: fornecem imagens de baixa resolução, mas trazem como atrativo a criação de um maior grau de intimidade. Além disso, ao darem ao espectador um novo sentido de presença, permitem que ele crie a ilusão de estar em uma relação privilegiada com o real (*hallucinatory being there*) (p. 113). Assim,

We will never understand Internet pornography as long as we consider the networked personal computer as a mere tool through which we access the sexually explicit graphics, for in so doing, we miss the ways in which our sexual desires are being mediated through the pleasures of the technology itself, and the particular fantasies it has on offer. (PATTERSON, 2004, p. 119).

Ao transmitir a gravação de uma cena, a XXP trabalha com esta ideia: é possível agregar, em um site, ao mesmo tempo, pessoas de diferentes origens espaciais. Ao assistirem às imagens, os espectadores criam representações diferentes daquelas geradas por vídeos e fotografias já editados. Neste percurso, há uma aproximação dos consumidores com os objetos de consumo e, também, o questionamento dos limites entre produção e consumo. Este é um dos princípios centrais das novas tecnologias de conexão e é, repetidamente, utilizado pela XXP como forma de propor uma pornografia mais democrática e que gere redes de pessoas que partilham crenças e um estilo de vida.

Apresentei, neste artigo, o que chamei de convenções do *altporn*, constituídas por suas características específicas e distintivas, por sua estética e pelas normatividades que instituem. Creio que isto nos ajuda a pensar mais detidamente nas muitas possibilidades de pesquisa com foco nas tecnologias e, mais especificamente, na internet. Ao falar de sexualidade e pornografia, foi possível discutir questões que são fundamentais para o entendimento da conformação do on-line – processual e eternamente inacabada – e das relações que são geradas a partir daí. Sem qualquer pretensão de totalidade, o que minha pesquisa buscou compreender foram relações muito pontuais entre pessoas, que encontraram no on-line a possibilidade de questionar normatividades relativas às sexualidades, além de proporem experimentações com seus corpos, com seus gadgets e com suas muitas conexões.

BIBLIOGRAFIA

1. BENÍTEZ, Maria Elvira Diaz. *Nas redes do sexo: os Bastidores do Pornô Brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
2. BILTON, Nick. *I Live in the Future & Here's How It Works*. New York: Crow Business, 2010.
3. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1 – A vontade de saber*. 15. ed. São Paulo: Graal, 2003.
4. GREGORI, Maria Filomena. *Prazeres Perigosos*. Erotismo, gênero e limites da sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
5. _____. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. *Revista de Antropologia da USP*, 2008.
6. _____. Relações de violência e erotismo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 20, p. 87-120, 2003.
7. HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage Publications, 2001.
8. _____. *Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday*. London/New York: Bloomsbury, 2015.
9. HUNT, Lynn. *A invenção da pornografia*. Obscenidade e as origens da Modernidade, 1500 – 1800. São Paulo: Hedra, 1999.
10. Jacobs, Katrien. *Netporn: DIY Web Culture and Sexual Politics*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2007.

11. KENDRICK, Walter. *The Secret Museum*. Pornography in Modern Culture. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1996.
12. LEITE JR, Jorge. *Das maravilhas e prodígios sexuais*. A pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006.
13. MANOVICH, Lev. *The Language of New Media*. Cambridge: MIT Press, 2000.
14. MILLER, D & HORST, H. *Digital Anthropology*. London/New York, 2012.
15. MOORE, Henrietta. Whatever Happened to Women and Men? Gender and other Crises in Anthropology. In: MOORE, Henrietta (Ed.). *Anthropological Theory Today*. Cambridge: Polity Press, 1999.
16. PAASONEN, Susanna. Labors of love: netporn, Web 2.0 and the meanings of amateurism. *New Media & Society*, London, Sage Publications, v. 12, n. 8, 2010.
17. _____. *Carnal Resonance*. Affect and online pornography. Cambridge/London: MIT Press, 2011.
18. PARREIRAS, Carolina. *Altporn, corpos, categorias, espaços e redes*: um estudo etnográfico sobre pornografia online. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – IFCH, Unicamp, Campinas, 2015.
19. WILLIAMS, Linda. *Hard Core*. Power, pleasure, and the “Frenzy of the visible”. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1999
20. _____. (Ed.). *Porn Studies*. Durham/London: Duke University Press, 2004.